

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES FRENTE AOS DESAFIOS DA INCLUSÃO DO ALUNO COM AUTISMO.

**ANA CAROLINE SOARES DA SILVA
SARA SOARES DE SANTA BRÍGIDA
UNIVERSIDA FEDERAL DO PARÁ - UFPA
EIXO V**

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é fruto da necessidade em lançar um olhar mais aprofundado em relação à educação inclusiva, especialmente, aquela que deve ser destinada a alunos com autismo ou Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas de ensino regulares. Assim, o objetivo deste estudo é compilar as principais referências teóricas acerca dos métodos de ensino que devem ser direcionados especialmente aos alunos com TEA no processo de ensino/aprendizagem, considerando as limitações que o distúrbio acarreta na vida da criança que o possui.

A metodologia abordada neste trabalho foi à abordagem qualitativa e o tipo de pesquisa foi à bibliográfica, já que aborda o processo de ensino e aprendizagem de alunos com autismo, bem a importância de sua inclusão nas escolas regulares. Nesta perspectiva, este artigo é apresentado em forma descritiva, tendo como base o referencial teórico utilizado na pesquisa, relatando as principais características do autismo e os principais pressupostos da abordagem histórico-cultural sobre a temática, tendo como ponto fundamental das discussões a necessidade da efetivação da educação inclusiva para os alunos com autismo.

Vale frisar que a principal motivação pela escolha do tema é justamente haver na literatura específica relacionada ao assunto em questão, relatos que dão conta de experiências bem sucedidas de crianças com TEA incluídas em um processo regular de ensino, e existem também, ressalvas em relação à necessidade, muitas vezes não suprida de formação continuada e qualificação dos professores para lidarem de forma adequada com essas crianças no ambiente escolar.

Considerando tais pontos, esta pesquisa apresentará os conceitos e as definições atribuídas ao transtorno do espectro autista, bem como defenderá a necessidade de que a escola, enquanto Instituição ofereça aos seus educandos, sem distinção um ensino de qualidade, para que isso aconteça é fundamental uma boa formação para os professores para que os mesmos possam refletir sobre sua ação enquanto educadores de todos sem distinção.

DESENVOLVIMENTO

O autismo se caracteriza pela presença de um desenvolvimento acentuadamente atípico na interação social e na comunicação, assim como pelo repertório marcadamente restrito de atividades e interesses. Essas características podem levar a um isolamento contínuo da criança e de sua família. Entretanto, acredita-se que a inclusão escolar pode proporcionar a essas crianças a oportunidade de convivência com outras crianças da mesma faixa etária, constituindo-se em um espaço de aprendizagem e desenvolvimento da competência social (BAPTISTA, 2012).

Vale destacar que o autismo não é uma doença e sim uma síndrome, ou seja, um conjunto de determinados sintomas de causas quase que desconhecidas e em constante estudo, que são classificadas, geralmente, com o nome do cientista que o descreve (BAPTISTA, 2012). Os primeiros estudos sobre o autismo ocorreram na década de 40 com Leo Kanner, um psiquiatra austríaco residente nos Estados Unidos e que se dedicou a pesquisa e ao estudo de crianças que apresentavam um comportamento considerado estranho, dentre outros sintomas, com dificuldades em estabelecer relações interpessoais (BECKER, 2013)

Nas palavras de Gikovate (2009, p. 21) o autismo é “um conjunto de sintomas e dificuldades que causam prejuízo qualitativo interação social, dificuldade na comunicação verbal e repertório restrito de interesses e atividades”, daí a necessidade de um diagnóstico precoce do distúrbio, pois tal diagnóstico auxiliará na adoção de estratégias que visam minimizar os efeitos do transtorno sobre o desenvolvimento da criança.

Neste contexto, vale frisar que, segundo Mantoan (2007, p. 34) “a criança autista parece estar sempre ‘só’ mesmo que esteja rodeada de pessoas e algumas delas permanecem por horas, balançando-se, ou paralisadas frente a estímulos aparentemente insignificantes”. E além, a criança com TEA geralmente pode ser caracterizada pela:

Incapacidade para vincular-se de maneira ordinária com pessoas e situações; Incapacidade para adotar uma postura antecipatória frente às pessoas; Nenhuma linguagem ou incapacidade de empregar a linguagem de maneira significativa para os demais; Excelente memória mecânica; Repetição de pronomes pessoais do jeito que são ouvidos; Repetição não só das palavras como também a entonação da pessoa com quem fala; Recusa de comida; Reagem com horror a ruídos fortes e objetos em movimento; Atitudes monotonamente repetitivas e necessidade de manter as coisas sempre iguais; Boa reação com objetos que lhe interessam, podendo jogar com eles durante horas; Boas potencialidades cognitivas e fisionomias inteligentes; Fisicamente, essencialmente normais; Provêm de famílias bastante inteligentes (MANTOAN, 2007, p. 38).

Contudo, em se tratando da educação voltada para crianças com autismo, surge a necessidade de o professor estabelecer modelos especiais de ensino, sobretudo, porque estes alunos apresentam fortes deficiências de comunicação, interação, linguagem e atenção, que afetam diretamente no processo de significação da aprendizagem. Vale ressaltar que alunos com autismo apresentam uma série de dificuldades neuropsicológicas que podem interferir no processo de aquisição do conhecimento se tal processo não for conduzido por educadores qualificados.

Por esta razão é que se reafirma que o educador deve ter plena consciência de que para educar uma pessoa com autismo é preciso também promover sua integração social e, neste ponto, a escola acaba desempenhando um papel fundamental. Assim, baseando-se no contexto educacional apresentado e na preocupação com uma verdadeira inclusão de crianças com autismo em instituições de ensino regular, é latente a necessidade de se trabalhar com essas crianças dentro da escola, observando, no entanto, que:

Educar uma criança, por mais difícil que seja, aumenta o sentimento de amor na maioria das pessoas. Os pais sentem que a criança é parte deles e da família, não querendo que ela vá embora. Além disso, a criança autista pode ser bastante cativante e sua própria impotência e confusão faz brotar emoções profundas nos que lidam com ela. Então, quando começam a fazer progresso, a alegria que cada pequeno passo avante traz, parece muitas vezes maior do que o que é dado por uma criança normal (GAUDERER, 2010, p. 127).

Portanto, a escola, e em especial, o professor pode assumir um papel importante na vida de alunos com autismo se informados corretamente. O currículo das escolas deve ser adaptado às necessidades das crianças e não o contrário. E para isso, é preciso proporcionar oportunidades curriculares que sejam apropriadas à criança com habilidades e interesses diferentes.

A escola inclusiva deve reconhecer e atender as diversidades e dificuldades de seus alunos, e incentivar o respeito aos diferentes ritmos e estilos de aprendizagem. E ainda, segundo Freitas (2009, p. 110) “oferecer uma educação de qualidade para todos através de currículos adequados, organização e estratégia de ensino, recursos didáticos, organização na estrutura escolar e uma parceria com a comunidade”. Com isto, tem-se que a busca de um ensino de qualidade para todos, remete a escola à adoção de um novo posicionamento, baseado na atualização e na reestruturação das condições de ensino possibilitando a produção de um ensino fundamentado bases aperfeiçoadas, reformuladas e adequadas às ações pedagógicas e à diversidade de aprendizagem (STAINBACK; STAINBACK, 2012).

Diante disto, não se deve negar que este se torna um verdadeiro desafio para o ensino inclusivo, de sorte que segundo Cavalcanti (2009, p. 37) “é preciso que se considere a relação entre as disciplinas e sua organização para o ensino, incluindo aí a aprendizagem dos alunos conforme suas características físicas, afetivas, intelectuais, socioculturais”. Contudo, em que pese os desafios serem consideráveis, não se pode perder de vista a noção de que o ensino inclusivo para alunos com autismo deve ser formado por ações organizadas e refletidas dos educadores, de modo que possa atender as necessidades de cada aluno, seja qual for esta necessidade, uma vez que os sintomas do autismo podem apresentar variações de criança para criança (BOSA, 2002).

O aluno tem de ser considerado em sua plenitude, e não apenas como um aluno que está à disposição do professor e da escola para ser ensinado [...] o aluno precisa ser visto como indivíduo que vive em sociedade num determinado momento e ocupando um determinado lugar espaço [...]. O aluno com necessidade especial tem que sentir que as pessoas estão acolhendo eles, assim às pessoas com deficiência vai ser tornando um cidadão com potências e habilidades, capaz de desenvolver todos os tipos de atividades proposta pelo educador CALLAI, 2010, p. 38).

Razão pela qual no processo de ensino inclusivo para alunos com autismo torna-se essencial proporcionar a eles situações de aprendizagem que verdadeiramente valorizem as referências que os mesmos já detêm acerca do espaço vivido e produzido por ele próprio. Nesta perspectiva, Cavalcanti (2009) salienta que quando os alunos com autismo são incentivados a pensar em seus próprios espaços surge para eles a possibilidade de situarem-se no mundo e, com isso, não se sentem excluídos da sociedade, adquirindo sua identidade cultural.

Com isto se faz necessário o fato de que o ensino para alunos com autismo é muito importante, sobretudo, porque será através desse ensino que tais educandos poderão ter acesso ao conhecimento universal e sistematizado, de maneira que a sala de aula transforma-se em um local importante para o seu desenvolvimento intelectual e pessoal (CALLAI, 2010).

Deste modo, quando o educador, através de um ensino inclusivo, proporciona ao aluno com autismo o desenvolvimento de um olhar concreto da vida, resta assegurado que estes educandos passarão a ser capazes de analisar e de compreender o mundo em sua volta, a dinâmica social e as relações políticas que devem existir entre os homens, tudo isto, através da apreensão de um olhar espacialmente construído.

Logo, considerando que a escolar é, essencialmente, um lugar de diferenças, a educação inclusiva deve ser pensada como uma realidade que deve ser fortalecida, sobretudo, porque é imperioso que todos, sem distinção, passem pelo processo educacional oferecido pela escola.

Assim sendo, é inegável que a reforma educacional por que passa o país vem obrigando a todos os profissionais da educação a se capacitarem, sobretudo, porque a legislação estabelece que toda instituição de ensino deverá atender a todos, indistintamente. Em vista disto, importante a diferenciação entre os dois tipos de professores que são formados atualmente, em virtude da necessidade de adequação à norma vigente, ou seja, há que se atingir o padrão de formação requerida pela legislação.

Diante disto, o que se percebe é que apesar de existir o amparo legal sobre a Educação Especial no país, a qualificação do professor não é uma questão que tem recebido o devido apoio dos governantes brasileiros, de modo que a prática do ensino para alunos com autismo no Brasil, via de regra, depende da aptidão natural e do bom senso destes profissionais para com os alunos.

RESULTADOS PRELIMINARES

Este estudo revelou que o autismo é uma disfunção orgânica e uma síndrome comportamental com etiologias múltiplas. É um distúrbio de desenvolvimento permanente e severamente incapacitante, ou seja, até o presente momento ainda não foi comprovada cientificamente a cura do autismo. Vale destacar que, no país, o diagnóstico não é simples, sendo imprescindível que o mesmo seja precoce, de modo que possibilite uma rápida intervenção e acompanhamento, sobretudo, no que concerne ao acesso à escola.

Através da metodologia empregada foi possível solucionar questão suscitada, de modo que o processo de ação e reflexão do professor mediante as necessidades e limitações do aluno com autismo na classe regular de ensino deve-se dar por meio de fatores que estão intrinsecamente ligados, são eles: a formação, a reorganização metodológica, o conhecimento em relação ao transtorno e a vontade de oferecer ao educando a oportunidade de desenvolver suas habilidades sociais, cognitivas e afetivas através de um processo de construção do conhecimento em que ele se enxergue como sujeito ativo.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, C. **Integração e autismo: análise de um percurso interligado**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

BECKER, F. **Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos**. São Paulo: Saraiva, 2013.

BOSA, C. Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo. In: **Psicol. Reflex. Crit.**, vol.15, no.8, 2002.

CALLAI, H.C. **A formação do profissional do pedagogo**. 8 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

CAVALCANTI, L.S. **Práticas de ensino: o ensino escolar e os procedimentos de ensino numa perspectiva sócio construtivista**. Goiânia, Alternativa, 2009.

FREITAS, E. **Reunião de pais: um momento de desabafo**. 2009. Disponível em: <<http://educador.brasilescola.com/orientacao-escolar/a-funcao-reuniao-pais.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

GAUDERER, E. C. **Autismo e outros atrasos do Desenvolvimento: Uma atualização para os que atuam na área: do especialista aos pais**. São Paulo: Sarvier, 2010.

GIKOVATE, C. G. **Autismo: compreendendo para melhor incluir**. 2009. Disponível em: <<http://www.carlagikovate.com.br/aulas/autismo%20compreendendo%20para%20melhor%20incluir.pdf>>. Acesso em: 13ago. 2015.

MANTOAN, M. T. E. (Org.). **A integração de pessoas com deficiência**. São Paulo: Memnon, 2007.

STAINBACK, S; STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 2012.